

NARRATIVA DO COTIDIANO: POBREZA E PRIVAÇÃO SOCIAL NO LIVRO *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA* DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Carla Pizzuti Savian

Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Geociências, Santa Maria, RS, Brasil
carla.pizzuti@acad.ufsm.br

Natália Lampert Batista

Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Geociências, Santa Maria, RS, Brasil
natalia.batista@ufsm.br

Pedro Leonardo Cezar Spode

Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Geociências, Santa Maria, RS, Brasil
pedrospode@gmail.com

RESUMO

Existem diversas obras da literatura que retratam e denunciam as problemáticas sociais brasileiras. Dentre os principais problemas sociais representados nos livros está a pobreza, entendida, aqui, por meio do conceito de privação social. O presente trabalho, reconhecendo a importância de obras literárias para pensar condições sociais, tem o objetivo de identificar no livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de autoria de Carolina Maria de Jesus, relatos que expressam situações de privação social que acontecem no cotidiano da autora. A pesquisa é de natureza qualitativa, com utilização da técnica de análise de conteúdo. Os resultados mostram a identificação de diferentes privações presentes no cotidiano relatado por Carolina Maria de Jesus, sendo possível discutir questões de privação à alimentação, à moradia, às vestimentas e ao saneamento básico, o que resulta em diferentes problemáticas atreladas à saúde física e mental. Também foi possível discutir acerca do cotidiano na cidade. Considera-se, finalmente, que a escrita de Carolina Maria de Jesus, acerca do seu próprio cotidiano, permite a construção de importantes reflexões referentes à pobreza e às desigualdades socioespaciais, manifestadas em situações de privação.

Palavras-chave: Desigualdades socioespaciais. Literatura. Geografia urbana

NARRATIVA DO COTIDIANO: POBREZA E PRIVAÇÃO SOCIAL NO LIVRO “QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA” DE CAROLINA MARIA DE JESUS

RESÚMEN

Existen varias obras literarias que retratan y denuncian los problemas sociales brasileños. Entre los principales problemas sociales representados en los libros se encuentra la pobreza, entendida aquí a través del concepto de privación social. El presente trabajo, reconociendo la importancia de las obras literarias para pensar las condiciones sociales, tiene como objetivo identificar en el libro “Cuarto de Despejo: Diario de una Favelada”, escrito por Carolina María de Jesús, relatos que expresan situaciones de privación social que ocurren en la vida cotidiana del autor. La investigación es de carácter cualitativo, utilizándose la técnica de análisis de contenido. Los resultados muestran la identificación de diferentes privaciones presentes en la vida cotidiana relatadas por Carolina María de Jesús, permitiendo discutir cuestiones de privaciones en alimentación, vivienda, vestido y saneamiento básico, lo que resulta en diferentes problemas vinculados a la salud física y mental. También fue posible hablar de la vida cotidiana en la ciudad. Finalmente, se considera que los escritos de Carolina María de Jesús, sobre su propia vida cotidiana, permiten construir importantes reflexiones sobre la pobreza y las desigualdades socioespaciales, manifestadas en situaciones de privación.

Palabras clave: Desigualdades socioespaciales. Literatura. Geografía urbana.

INTRODUÇÃO

Existem diversas obras literárias que retratam e denunciam as problemáticas sociais brasileiras, dentre elas a pobreza que diferentes populações vivenciaram em diferentes tempos e espaços, ou mesmo que vivenciam atualmente. Alguns exemplos de obras importantes são “Vidas Secas” (1973), de Graciliano Ramos, que narra a pobreza e as dificuldades decorrentes dela, na vida de retirantes do sertão nordestino e o “O Cortiço” (1890/2017), de Aluísio de Azevedo, que retrata a pobreza urbana e as péssimas condições de vida e moradia nos cortiços do Rio de Janeiro do século XIX. São literaturas que apresentam retratos de vivências e contextos que fazem parte da construção histórica do Brasil desigual de hoje.

O livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” (2014), de Carolina Maria de Jesus, é também um grande exemplo de literatura que, escancara a problemática da pobreza no Brasil. Uma mulher negra, que migrou de Minas Gerais para São Paulo, no ano de 1937, na busca de melhores condições de vida, mas que com a chegada de seu primeiro filho e sem emprego em São Paulo, muda-se para a favela do Canindé e passa a trabalhar como catadora de lixo nas ruas da metrópole. Dessa vivência, ela escreveu a obra “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” (2014), visualizando na escrita o seu refúgio. Ao narrar o cotidiano da favela, expõe suas dores, desafios e anseios em uma narrativa bastante geográfica e contextualizada com o espaço do Canindé.

A obra “Quarto de Despejo” foi publicada originalmente em 1960, e a autora relata o cotidiano de quem vive em extrema pobreza, em uma favela na grande cidade de São Paulo. É um livro escrito em diário, mas que também pode ser denominado de relato de testemunho. Com detalhes, Carolina relata desde as ruas e os locais que percorreu diariamente no exercício de seu trabalho como catadora de lixo, passando por relatar as suas dificuldades cotidianas de mulher negra e também de mãe solo, até os relatos de situações de extrema pobreza e privação. Há, então, uma intersecção entre a rua, o cotidiano e a privação.

A escritora não relata e denuncia somente as condições precárias de moradia em áreas de extrema pobreza, mas também a fome e a impossibilidade de acesso à educação e ao lazer que os pobres enfrentam. No fim, é possível entender que Carolina fala em seu primeiro livro publicado das diferentes situações de privação material e imaterial, ou seja, de privação social, às quais não só ela, mas as populações pobres estão acometidas.

Nesse sentido, o tema deste trabalho está atrelado à discussão sobre a pobreza urbana no Brasil, ao mesmo tempo, em que se enquadra na produção de ciência geográfica no âmbito da geografia literária (Monteiro, 2002; Almeida, 2020; Rech, 2023). Dessa forma, analisa-se a pobreza na obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, a partir do conceito de privação social. Ressalta-se que a pobreza é compreendida no trabalho como relativa, isso quer dizer que a pobreza é “dada pela situação relativa do indivíduo na sociedade a que pertence” (Santos, 1978, p.18). A pobreza é, então, um processo histórico e dinâmico, não podendo ser definida só com base na renda, por exemplo. Já o conceito de privação social é um conceito originado na sociologia, muito utilizado para análise da pobreza urbana. Na geografia norte-americana e europeia, a privação vem sendo utilizada para estudos sobre as desigualdades socioespaciais desde a década de 1970, porém, no Brasil, esses estudos são menos numerosos e diversos em termos teóricos e metodológicos (Spode, 2022).

Sobre privação social, cabe desde a introdução comentar que, de acordo com Townsend (1987), a privação existe de diferentes formas e pode envolver habitação, instalações domésticas, acesso a roupas e agasalhos ou mesmo a instalações educacionais, podendo ser materiais e sociais. Ainda, tendo como base o Townsend, o geógrafo brasileiro Spode (2020), entende a privação social da perspectiva geográfica, como um estado de desvantagem em relação ao grupo ou à sociedade a que a pessoa pertence, e, também, sendo uma condição social e histórica relacionada às necessidades das pessoas para a manutenção e desenvolvimento da vida no território. Entendendo, então, a privação social como condição social e histórica, é possível entendê-la também como um contexto.

No presente trabalho, parte-se dessas conceituações apresentadas para pensar privação social como conceito relevante para análise da pobreza. Pretende-se, então, ir além de estudos acerca de desigualdade socioespacial, pobreza e privação com viés economicista, que considera apenas a renda. Dessa forma, considera-se que a pobreza engloba a ausência de acesso à renda, mas também a privação de direitos como a moradia digna, o descanso, a alimentação, a educação, as vestimentas, o lazer, o pertencimento, a cidadania, dentre outras questões.

Nesse contexto, o cotidiano se mostra como importante para o presente trabalho, assim como a rua. Isso porque a rua é o lugar de trabalho de Carolina, fazendo parte do seu cotidiano narrado. A autora

Ana Fani Alessandri Carlos (2007) discute o conceito de cotidiano por meio de um olhar para a rua. De acordo com a autora, é nela que é possível observar as diferentes formas de apropriação do espaço urbano, o que deixa evidente também as diferenças e as desigualdades. Enfatiza-se, então, que o presente trabalho reflete sobre a pobreza para além do visível, considerando aspectos materiais, mas também subjetivos do fenômeno, adentrando no cotidiano. Entendendo o cotidiano para além de apenas uma dimensão trivial da vida, mas como um espaço de produção de significados.

Diante do exposto, o presente trabalho possui algumas indagações que o norteiam, sendo a principal a seguinte: Como a privação social, enquanto abordagem que permite identificar e analisar a pobreza, é demonstrada na obra “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, de Carolina Maria de Jesus? E essa questão está desdobrada em outra: é possível identificar as situações de privação, tão recorrentes no Brasil atual, a partir da leitura da obra citada?

Por fim, têm-se alguns objetivos com esse texto, tais como identificar no livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, de autoria de Carolina Maria de Jesus, relatos que expressam situações de privação social que acontecem no cotidiano da autora; utilizar do conceito de privação social para discutir pobreza urbana, por intermédio do cotidiano de Carolina Maria de Jesus e evidenciar e reconhecer a importância de literaturas para análise das condições sociais de diferentes grupos, em distintos contextos socioespaciais. A busca por reflexões referentes aos objetivos se justifica por abordar problemas sociais que são manifestados como privações.

COMO ANALISOU-SE O LIVRO “QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA”?

Esta pesquisa está enquadrada na geografia literária, a qual, de acordo com Brands (2023), teve seu movimento iniciado no Brasil na década de 1980, tendo como importante figura Carlos Augusto Figueiredo Monteiro. O campo da geografia literária, conforme a Brands (2023), realiza estudos que relacionam geografia e literatura, por meio de diferentes abordagens.

Esta é uma pesquisa teórica, com caráter qualitativo. De acordo com Demo (1994), a pesquisa teórica é aquela que visa pensar teorias e conceitos, buscando um aprofundamento teórico. São teóricas também as pesquisas orientadas no sentido de refletir acerca de condições explicativas da realidade, e é nesse caminho que segue o presente trabalho.

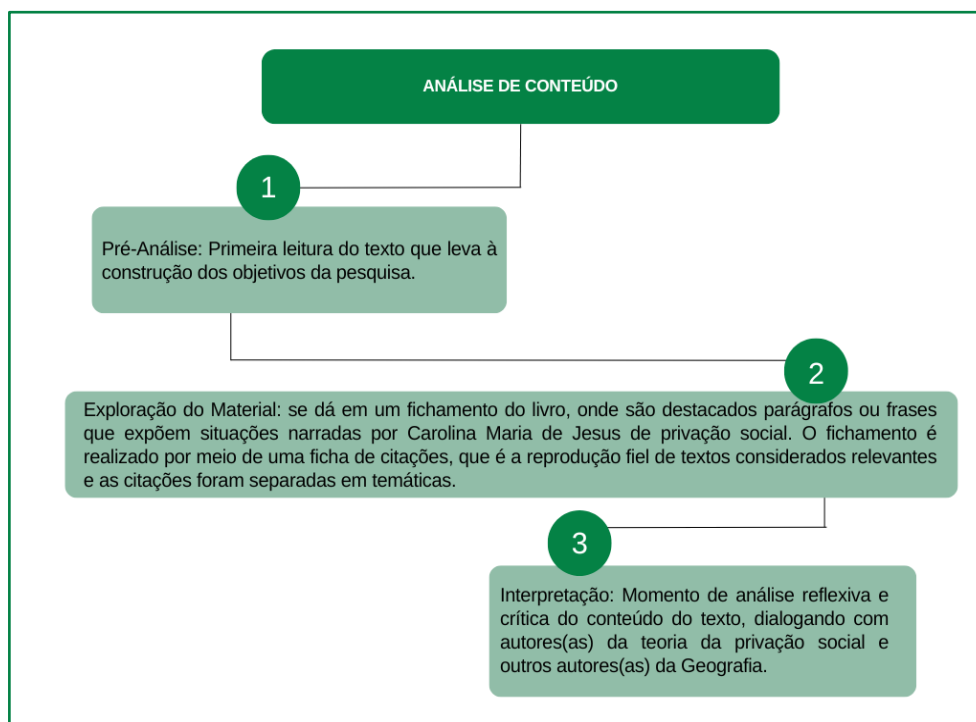
Foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, a qual, conforme Moraes (1999), é uma metodologia para a descrição e interpretação do conteúdo de documentos e textos, que conduz à interpretação e compreensão de um texto para além de uma leitura comum, baseada em Bardin (1977). A técnica de análise de conteúdo, de acordo com o autor, possui suas origens mais próximas de uma abordagem quantitativa. Porém, diferentes abordagens foram desenvolvidas no decorrer dos últimos anos, sendo a técnica utilizada em análises qualitativas. É interessante comentar que Moraes (1999) afirma que trabalhos nas diferentes perspectivas, tais como dialética, fenomenológica e etnográfica, utilizam a técnica de análise de conteúdo.

De forma específica, o que foi realizado consiste na adaptação da técnica de análise de conteúdo, baseada no texto de Moraes já citado, mas também de Sousa e Santos (2020) e de Marcelino (2022) por serem publicações mais atuais. Nessa perspectiva, de forma específica, a metodologia consiste em três etapas denominadas de pré-análise, exploração do material e interpretação desse material, as quais estão mais bem definidas no fluxograma (Figura 1).

Conforme exposto no fluxograma, a pré-análise consistiu na primeira leitura do texto, isto é, do livro de Carolina Maria de Jesus. Essa primeira leitura é muito importante no sentido de que é o momento em que a leitora identifica a obra como parte de seu objeto de pesquisa (ou não) e também onde a pesquisadora constrói seus objetivos.

A segunda etapa, a exploração do material, consistiu no fichamento da obra. É o momento em que é feita a segunda leitura, na qual são destacadas frases ou trechos que expõem situações narradas de privação social. É, então, o destaque de partes do relato da autora em que fica claro o não acesso de Carolina Maria de Jesus e também das outras pessoas pobres com as quais ela convive a direitos importantes para a vida em sociedade, como o direito à moradia, à alimentação, à educação, ao voto ou ao lazer. As partes destacadas são os resultados da presente pesquisa.

Figura 1 - Fluxograma da análise de conteúdo



Fonte: adaptado de Moraes (1999), Sousa e Santos (2020) e Marcelino (2022). Organizado pela primeira autora (2023).

Para a realização do fichamento, primeiramente foi organizada uma tabela onde foram transcritos os trechos fichados e organizados em ordem cronológica (Quadro 1). Em um segundo momento, organizaram-se esses trechos em temáticas, para que fossem interpretados em conjunto, facilitando a discussão. É importante comentar que o critério para a escolha dos trechos foi trechos que demonstram situações de privação social, envolvendo principalmente os seguintes assuntos: moradia, saneamento, saúde, vestimentas, educação e alimentação. Foram selecionados esses assuntos a partir da primeira leitura da obra, onde esses se mostraram presenças significativas na narrativa de Carolina.

Quadro 1 - Exemplo de como foi realizado o fichamento

Citação, página e data	Comentários breves	Temáticas/Assuntos
“Aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas os custos dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.” (p.11) - 15 de julho de 1955	“Um ou outro”. Privação de vestimentas adequadas. Uma privação que para Townsend é material. Mas que faz parte da privação social, se pensar com base em Faria e Spode.	Alimentação e vestimentas
Ensaboei as roupas. Depois fui acabar de lavar na lagoa. O serviço de saúde do estado disse que a água da lagoa transmite as doenças do caramujo. Vieram nos revelar o que ignorávamos. Mas não soluciona a deficiência da água. (p. 80) - 4 de julho	A Secretaria da Saúde informa que a água que eles consomem é contaminada. Porém, eles seguem tomando e utilizando devido à privação de saneamento.	Saneamento e saúde

Elaboração: primeira autora, 2023.

Por fim, a última etapa, a interpretação, consistiu na discussão desses resultados, respondendo ao porquê do destaque daquela situação narrada, comentando também o porquê de aquela situação expressar privação e relacionando esse destaque da narrativa de Carolina Maria de Jesus com o referencial teórico que está sendo utilizado neste trabalho. Os momentos da análise de conteúdo foram sintetizados e articulados no texto final.

Antes de avançar para a apresentação do referencial teórico e discussão dos resultados, comenta-se brevemente sobre quem foi a autora, guardando nessas páginas uma admiração. É importante que a mulher, mãe, trabalhadora e escritora seja lembrada e reconhecida nesse texto, antes de tudo, pelas suas lutas. Também se comenta sobre o local onde Carolina Maria de Jesus residiu enquanto escrevia o livro, a Favela do Canindé, por ser o espaço narrado na obra.

DE BITITA À UMA ESCRITORA DA VERDADE: SOBRE CAROLINA MARIA DE JESUS

Quem foi Carolina Maria de Jesus? Após ficar famosa pela publicação do seu primeiro livro, “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, em 1960, holofotes foram virados para a Carolina e para a favela do Canindé, onde ela residia e onde aconteciam as situações de privação social que foram por ela denunciadas em seu diário. A partir dessa fama, a autora foi definida por outros de diferentes formas, nas diferentes manchetes de jornais, conforme mostra o trabalho de Silva (2010).

Em um diálogo entre as escritoras Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus, Clarice deu uma definição para além de estereótipos: uma escritora da verdade. De acordo com Hansen (2020), em matéria na revista *Manchete*, de agosto de 1961, há um trecho de diálogo ocorrido entre as autoras. Carolina teria dito para Clarice: “Como você escreve elegante”. Enquanto Clarice teria respondido: “E como você escreve verdadeiro, Carolina!”.

Mas, quem melhor do que a própria Carolina para ser a fonte da sua história? Para apontar alguns aspectos de quem foi Carolina Maria de Jesus, utilizam-se aqui seus escritos. Principalmente o livro “Diário de Bitita”, autobiográfico da escritora, que foi publicado postumamente em 1986, mas também os livros “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, publicado originalmente em 1960, que é o foco do presente trabalho, “Casa de Alvenaria I: Osasco” e “Casa de Alvenaria II: Santana”, livros publicados em 1961, nos quais a autora conta sua vida após se mudar da favela do Canindé,

O livro “Diário de Bitita” é um livro com narrativas autobiográficas, que conta da infância, da adolescência e do início da vida adulta da autora, por meio de suas memórias. Bitita era seu apelido na infância. Nesse livro, a escritora conta que viveu sua infância em Sacramento, Minas Gerais, mas intercalando suas vivências entre a área urbana e a área rural de diferentes cidades próximas, visto que a moradia dependia de onde sua mãe, a qual ela lembra com saudades, trabalhava no momento.

Carolina Maria de Jesus é neta de escravizados e filha de uma mulher negra nascida sob a lei do ventre livre. Nesse livro, ela fala sobre a relação com sua mãe e seu avô, o qual aparece como incentivador da leitura para Carolina e também é quem relata para ela a história das pessoas negras. Carolina estudou até o segundo ano do ensino fundamental, período em que aprendeu a ler, na escola Allan Kardec, em Sacramento (MG). Na sua casa, não havia livros.

A autora conta momentos em que ficou doente e precisou buscar tratamento em outras cidades, até onde ela teve que se locomover a pé (Jesus, 1986). Também, Carolina relata um momento que foi presa com a sua mãe, por estarem com um livro. Os policiais afirmaram que o dicionário que ela estava era o livro de São Cipriano, e por isso, as acusaram de feitiçaria. Em um momento, Carolina estava doente e começa a transitar por cidades buscando cura para um problema nas pernas. Quando melhora, começa a trabalhar de empregada doméstica em diferentes lugares pelo estado de São Paulo. Ela se muda com uma patroa para a capital São Paulo (Jesus, 1986). Assim, termina o livro “Diário de Bitita”.

Em “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, a autora já começa a escrever residindo na favela do Canindé, em São Paulo, capital. Ali, ela já é mãe dos seus dois filhos e de sua filha. Não se pretende focar nesse período da vida da Carolina aqui, visto que ele é apresentado nos resultados. Mas, é importante comentar que Carolina passa a trabalhar como catadora de lixo para alimentar-se e dar alimentação aos seus filhos e é nesse contexto que ela passa a escrever seu diário. O acesso a papéis e cadernos para escrever, ou mesmo livros para ler, é através do que ela encontrava no lixo.

A partir desses escritos diários, Carolina relata que foi uma mulher que viveu situações de preconceito de gênero, de raça e de classe. Relata também os trajetos que realiza pela capital trabalhando. De

acordo com Carolina (2014), seus vizinhos na favela a viam com maus olhos por ler e escrever, e muitas vezes maltratam seus filhos. Mas também há relatos de solidariedade entre vizinhos(as), que trocam entre si alimentos, por exemplo. Carolina se descreve, durante toda a sua obra, como uma mulher negra, mãe solo de três filhos, trabalhadora, catadora de lixo, escritora, poetisa e leitora.

Carolina reside na favela até a publicação do seu primeiro livro, que foi publicado por mediação de Audálio Dantas, um repórter que foi fazer uma reportagem sobre a favela e conheceu Carolina (JESUS, 2014). O livro tem grande repercussão e Carolina é reconhecida pelo mundo enquanto escritora (Figura 2). Isso é contado já no livro “Casa de Alvenaria I: Osasco”. Com os direitos de seu primeiro livro, ela consegue passar a residir em uma tão sonhada casa de alvenaria. Primeiro, alugada, em Osasco.

Figura 1 - Carolina Maria de Jesus em uma sessão de autógrafos



Fonte: Vida por Escrito (s/d).

Nesse livro, escrito a pedido da editora, a autora relata a repercussão de sua obra, os pagamentos que recebe, as traduções para outras línguas, as viagens que faz para conhecer outras favelas pelo Brasil, os contatos com políticos, e os preconceitos que sofre no mundo da literatura por ter vivido na pobreza e por ser mulher e negra. Nesse livro, a autora relata a pressão das mídias e da editora e se mostra insatisfeita. Ela queria escrever romances, mas esperava-se dela outros diários (Jesus, 2021).

A compra da casa própria é relatada no final de “Casa de Alvenaria I: Osasco”. A casa fica localizada em Santana, por isso a segunda parte dos diários sobre casa de alvenaria recebe como título “Casa de Alvenaria II: Santana”. Esse livro apresenta a vida de Carolina na nova casa, e é onde são relatadas as dificuldades impostas pelo racismo e a estigmatização dela como escritora. São apresentados também os anseios, os sonhos e as vontades da autora nessa sua fase de vida.

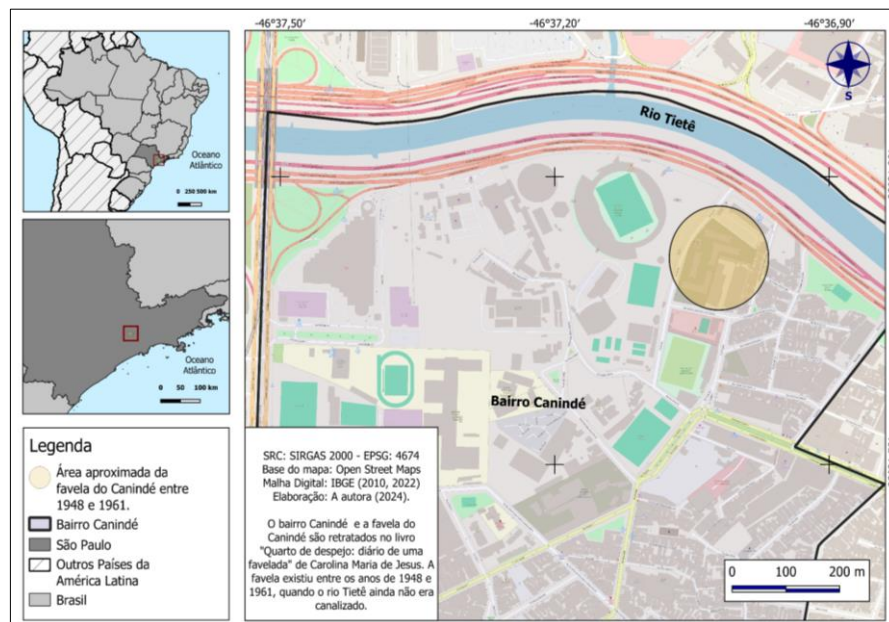
Porém, em razão do preconceito que ela sofreu vivendo em um bairro onde moravam majoritariamente brancos, Carolina decide mudar para a zona rural, entendendo que no campo teria mais sossego, desde que o lugar fosse seu. Ela reside até a sua morte em Parelheiros, em um sítio. No final de sua vida a mídia já havia retirado os holofotes dela, e embora ela tenha realizado sonhos, como residir em uma Casa de Alvenaria, ela ainda não havia publicado seu romance “O Escravo”.

SOBRE O QUARTO DE DESPEJO: FAVELA DE CANINDÉ

Diante do fato desse trabalho ser construído no âmbito da geografia, mostra-se necessário falar, mesmo que brevemente, sobre o espaço onde se passa, especificamente, o livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. O diário de Carolina é escrito durante o período em que a autora residia na favela do Canindé, em São Paulo. A favela do Canindé existiu, situada em um terreno público, em um meandro do rio Tietê, durante o ano de 1948 a 1961, uma existência curta (ULTRAMARI, ANDREOLI, 2021).

É interessante comentar que o bairro Canindé fica próximo à região do Brás, em São Paulo, uma região de grande comércio (Figura 3). Nesse contexto, a favela também era próxima dessa área, visto que ficava localizada no interior do bairro. De acordo com Barone (2019), as favelas de São Paulo, diferentemente das favelas do Rio de Janeiro, tardaram a aparecer. Inicialmente, eram pequenas e próximas às áreas centrais da cidade.

Figura 2 - Mapa de localização aproximada da favela do Canindé entre 1948 e 1961.



Elaboração: primeira autora (2024).

Também de acordo com Barone (2019), em São Paulo, as favelas eram erguidas pelo poder público, assim como eram removidas por esse mesmo poder. Primeiro, o poder público indicava terrenos a serem ocupados e depois esvaziava, deslocando as famílias e difundindo a ideia de progresso e resolução do "problema" que eram as favelas. A favela do Canindé está inserida nesse contexto, tanto que ela teve sua origem em razão da remoção de 99 famílias de um terreno particular para um terreno público, local da favela supracitada. Em 1948 foi originada por consentimento do poder público. (Barone, 2019).

Mas a formação das favelas não acontecia porque o poder público queria, mas pelos melhoramentos urbanos, e mais tarde, também em razão dos melhoramentos, as favelas eram esvaziadas. No caso da favela do Canindé, esse movimento fica claro (Barone, 2019). Em 1948, ainda com a retificação acontecendo, começa a ocupação da área da favela do Canindé. Posteriormente, em 1951, a canalização do rio Tietê afetava o local onde foram construídas as residências na favela do Canindé, local permitido pelo poder público.

Conforme Peres (2007), a extinção da favela do Canindé foi finalizada em 1961, e aconteceu como parte do projeto "desfavelamento do Canindé", da divisão de Serviço Social do Município de São Paulo. Pode-se refletir também sobre um possível impacto da obra de Carolina na remoção da favela onde residiu, visto que após a publicação do livro e depois de anos de ameaça, bastaram 12 meses para a favela ser derrubada (Peres, 2007). Mas é importante levar em consideração que a política de remoção e esvaziamento de favelas era comum no estado de São Paulo.

De acordo com Elena Peres (2007), cerca de mil pessoas residiam na favela na época de seu esvaziamento. A questão das enchentes também foi utilizada como motivo e o relatório do projeto de desfavelamento do Canindé cita o livro *Quarto de Despejo* como influente nesse processo. Neste ínterim, as famílias foram deslocadas para 75 bairros diferentes.

Por fim, esse tópico sobre a favela do Canindé, cabe comentar brevemente sobre a infraestrutura dos "barracos" na favela, o que também diz respeito ao espaço representado na obra analisada, Audálio Dantas, repórter que mediou a publicação do primeiro livro de Carolina, relata, na apresentação do livro o seguinte:

O barraco é assim: de tábuas, coberto de lata, papelão e tábuas também. Tem dois cômodos, "não muito cômodos". Um é sala-quarto-cozinha, nove metros quadrados, se muito fôr, e um quartinho, bem menor, com lugar para uma cama justinho, lá dentro... Tem muitas coisas dentro dele, que a luz da janelinha, deixa a gente ver: um barbante esticado, quase arrebitando de trapos pendurados, mesinha quadrada, tábua de pinho; fogareiro de lata, lata de água, lata de fazer café e lata de cozinhar;

tem também guarda-comida, escuro de fumaça e cheio de livros velhos e mais duas camas, uma na sala-quarto-cozinha e outra no quarto assim chamado. (Audálio Dantas na apresentação do livro *Quarto de despejo*) (1963, s/p).

Carolina também relata diversas questões sobre a infraestrutura na favela, como a falta de água, que gerava filas na única torneira próxima, instalada em uma caixa d'água; o esgoto era recolhido em fossas improvisadas e as roupas eram lavadas no rio. Carolina apresenta uma definição da favela no contexto do espaço urbano de São Paulo, por meio de uma frase que ficou bem famosa: "Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos" (Jesus, 2014, p. 32).

GEOGRAFIA DAS CAUSAS SOCIAIS: PRIVAÇÃO SOCIAL E COTIDIANO EM PERSPECTIVA

O que se pretende neste tópico do texto não é apresentar uma tradicional linha do tempo da epistemologia geográfica, pensando essa totalmente fechada e colocando autoras e autores seguidos de outras e outros até chegar nos estudos próximos do que se desenvolve aqui. Mas, sim, dialogar com alguns textos lidos sobre a temática da pobreza, da privação social e do cotidiano, pensando uma geografia das causas sociais que, de qualquer forma, possui uma trajetória na geografia.

A geografia preocupada com causas sociais é reivindicada há muito tempo, desde Elisée Reclus e a geografia social, como mostra Manuel Corrêa de Andrade (1985), ao tratar sobre o geógrafo anarquista na coleção *Grandes Cientistas Sociais*. Essa geografia preocupada com causas sociais também aparece em Pierre George, Yves Lacoste e outros autores da geografia ativa (1973/1980), considerada base da geografia crítica.

Já os estudos acerca da pobreza urbana, sobre os quais se identifica uma tradição, aparece anterior às geografias sociais, sendo depois incorporados por estas. Tanto Spode e Faria (2020) quanto Souza (2018) citam a obra de Friedrich Engels, em especial a intitulada "A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra", de 1845, como um marco nos estudos referentes à pobreza urbana. Depois disso, diversas outras abordagens sobre a temática da pobreza foram pensadas e construídas na Inglaterra, tanto que, inclusive, a proposta de medir a linha de pobreza é de origem inglesa (Souza, 2018). Ademais, diversos estudos sobre privação social têm suas origens também no Reino Unido.

Ainda anterior às análises de Friedrich Engels e Karl Marx, acerca da reprodução do capital e dos processos que envolvem a pobreza e a exploração da classe trabalhadora, Spode e Faria (2020) comentam que outros autores pensavam sobre a pobreza, mesmo que por um viés economicista, como Adam Smith, ou por um viés também conservador, como na teoria malthusiana.

As visões economicistas da pobreza, ou mesmo materialistas (no sentido de relacionar a pobreza com o não acesso a bens materiais), deixam de ser reproduzidas por algumas autoras e alguns autores. Inclusive, autores que falam de privação social ou relativa, como Townsend (1987) e Sen (2000), dão um novo enfoque para a pobreza, abrangendo o aspecto social desse fenômeno, que é o que realmente interessa no presente trabalho. As autoras Costa, Loureiro, Freitas e Santana (2015) também devem ser mencionadas, visto que compreendem a pobreza e as diferentes privações para além do âmbito material, considerando aspectos subjetivos, como a saúde mental.

Mas, afinal, como é entendido o conceito de privação social, tão importante para esse trabalho? De acordo com Townsend (1987), a privação existe em dois tipos: material e social. Nesse contexto, a privação material, como o próprio nome expressa, está relacionada com a falta de acesso a bens, serviços e recursos materiais, o que envolve características do ambiente físico. Já a privação social é referente ao não acesso da pessoa às relações e funções consideradas importantes para cidadãos. Como exemplo de privação material, Costa *et. al* (2015) colocam o não acesso à habitação, já como exemplo de privação social, a mesma autora e outras (os) apontam a não participação nas eleições.

No Brasil, autores como Faria (2017), Moraes (2020) e Spode (2020), na busca do entendimento da privação, englobam as duas dimensões em suas análises, isto é, dimensões materiais e sociais, como privação social, buscando não separar aspectos materiais dos imateriais quando se pensa sobre pobreza. Há pesquisas da área da geografia da saúde com o conceito de privação social. Moraes (2020), por exemplo, estudou a relação entre o saneamento básico e a saúde da população, entendendo o saneamento como recurso fundamental para a manutenção da vida.

Além do exposto, a geógrafa brasileira Ana Fani Alessandri Carlos (2014) aborda a privação no contexto da reprodução do espaço, relacionando esse conceito com a teoria lefebvriana e refletindo sobre a escala do lugar e do cotidiano. Conforme já mencionado, assim como o conceito de privação

social é importante para o presente trabalho, também é importante levar em consideração a escala do lugar, na perspectiva do cotidiano. Isso porque o lugar é o “espaço do exercício da existência plena” (Santos, 2013, p.114), sendo onde preside o cotidiano. Também, porque o cotidiano é “muito mais que o inconsciente fluir de dias sempre iguais” (Carlos, 2007, p.58), sendo o lugar onde se produzem significados, expressam-se as diferenças e os padrões são materializados.

Além disso, é ao nível do cotidiano que as pessoas vivem diante de conflitos, assim como é nele que as pessoas lidam com esses conflitos por meio da ação. Levando em consideração que é no cotidiano que acontecem as relações sociais, esse conceito é importante. É importante para esse trabalho, especificamente, porque emerge na narrativa de Carolina Maria de Jesus um relato diário da construção da vida social e urbana, mostrando que o cotidiano não é apenas o passar dos dias, mas o acontecer da vida.

Outro autor brasileiro que precisa ser mencionado aqui é Josué de Castro, que embora não tenha utilizado do conceito de privação social ou de cotidiano, também abordou um tabu relacionado à pobreza, que é a fome, aspecto muito presente no cotidiano de Carolina Maria de Jesus, como será possível visualizar nos resultados. Em sua obra *Geografia da Fome*, publicada originalmente em 1946, Castro (2022) escancara um Brasil desigual, denunciando que a fome é um problema social, econômico e biológico, resultado das relações sociais e não da natureza. Inclusive, entre Josué de Castro e Carolina Maria de Jesus há uma estreita relação, em termos de entendimento da pobreza e da fome, sendo o diário de uma favelada a expressão literária da magistral obra científica “A Geografia da Fome”. Tal relação foi explorada recentemente no trabalho de Brands (2023), que mostrou o entrelaçamento entre os campos da geografia e literatura.

Cabe comentar que discussões referentes ao fenômeno da pobreza são abordadas também em obras literárias (Spode, Faria, 2020). E materiais literários são relevantes no sentido de destacar realidades sociais, mesmo que de contextos e lugares específicos. Diante disso, neste trabalho, busca-se identificar a privação social (material e imaterial) que está exposta no livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” de Carolina Maria de Jesus, reforçando relações entre geografia e pobreza e as literaturas brasileiras.

GEOGRAFIA E POBREZA NA INTERSECÇÃO COM AS LITERATURAS BRASILEIRAS

A geografia e a literatura são formas de conhecimento milenares, que hoje podem parecer muito separadas, pela fragmentação dos conhecimentos, mas que podem ser aproximadas de diferentes formas (Brands, 2023). Exemplos de aproximações entre geografia e literatura no Brasil são as pesquisas desenvolvidas por Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2002), em que o autor busca conteúdos geográficos em obras romanescas. Isso é muito importante porque as artes, dentre elas as literaturas, revelam geografias.

O trabalho da geógrafa Maria Geralda de Almeida (2020) também apresenta possibilidades de uma geografia literária. Em Almeida (2020), a autora escreve sobre a literatura de viagem, abordando como a narrativa de viagens entrecruza a geografia, a história, a antropologia e a ficção. Para a autora, a literatura de viagem relata experiências espaciais e, ao relatar, representa. É, dessa forma, uma representação do espaço. Tem como negar a geografia imbricada nessa literatura?

Já foram citadas no texto algumas obras brasileiras que versam sobre conteúdos geográficos envolvendo desigualdades socioespaciais, em específico, sobre a pobreza. Dentre elas, a de Guimarães Rosa, autor que Monteiro (2002) também aborda. Mas, sendo esse um trabalho que busca em um texto literário referências de uma realidade social, cabe reforçar a importância de obras literárias para análise das condições sociais de diferentes grupos, em distintos contextos socioespaciais. Diante disso, apontam-se aqui algumas referências literárias brasileiras, além das que já foram citadas na introdução, e que dão voz e visibilidade para diferentes realidades sociais precárias.

Em ordem de data de publicação, cabe comentar, primeiramente, sobre o livro “Grande Sertão: Veredas”, de autoria de João Guimarães Rosa, publicado originalmente em 1956. Esse renomado livro da literatura brasileira narra a vida de um sertanejo denominado Riobaldo, onde ele mesmo é o narrador por meio de suas memórias. A vida de Riobaldo acontece em meio a realidade difícil do sertão de um país de pessoas, “[...] de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias” (Rosa, 1994, p. 14). É uma obra extremamente geográfica, na qual aspectos como a paisagem e os hábitos alimentares, assim como as relações sociais entre sertanejos, são elementos muito importantes para o livro (Fonseca, 2021). Sobre a representação da pobreza nesse livro, cabe ressaltar quando Riobaldo narra a situação do

povoado do Sucruíú, onde as pessoas vivem em péssimas condições de alimentação, de trabalho e de saúde.

Outra literatura extremamente geográfica é a obra “Torto Arado” de autoria de Itamar Vieira Júnior que foi publicada em 2019. Em seu aclamado livro, o autor, que é geógrafo, conta a história de Bibiana e Belonísia, duas irmãs, moradoras do sertão baiano. A história é muito marcada pelo racismo, pela pobreza e por conflitos fundiários.

Também atual e abordando uma região do país que não aparece em nenhuma outra literatura citada neste trabalho até agora, é o livro “Além do Rio dos Sinos”, de autoria de Menalton Braff e publicado em 2020. Esse livro, de um autor gaúcho, narra a história de Florinda e Nicanor, que vivem na relação com a natureza e com os animais, no Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul. A história mostra o conflito morro infértil contra várzea. É interessante que a literatura pode ter intrínseca relação com a geografia, o que se reforça no presente trabalho.

Outro livro de autoria de uma brasileira que se considera importante apontar aqui, por ser também acerca de histórias reais, assim como a obra inteira de Carolina, é “O Olho da Rua: em busca da literatura da vida real”, de Eliane Brum. O livro é composto por relatos de dez reportagens, que perpassam pela história de vida de parteiras no Amapá, de pessoas sem documentos que residem na “terra do meio” na Amazônia, ou por “meninos no tráfico”, também por idosos e idosas moradores de uma casa para velhice, e outras histórias de diferentes locais do Brasil.

E claro, dentre as literaturas importantes que versam sobre desigualdades socioespaciais, estão os escritos de Carolina Maria de Jesus. Os diários de Carolina Maria de Jesus podem ser definidos como um gênero literário diário (Brands, 2023), mas também podem ser considerados uma literatura de testemunho. Isso porque há descrição intimista, mas, principalmente, uma denúncia, uma busca por justiça social e, nesse caso, o relato em primeira pessoa, características de uma literatura de testemunho (Salgueiro, 2012). O livro de Eliane Brum, citado anteriormente, também pode ser identificado como relato de testemunho. Dessa forma, identifica-se que tanto a literatura ficcional quanto a não ficção pode ser entendida como uma mediadora dos conhecimentos geográficos. Quanto a isso, os escritos de Carolina Maria de Jesus são fantásticos, expondo a potencialidade que no relato possui, conforme expõem Donicht e Duarte (2021). Ainda, de acordo com Tremba (2020), o relato da autora expõe o modelo de urbanização brasileira, que é excludente. Além disso, evidencia o espaço geográfico em sua multidimensionalidade, por meio do relato do cotidiano.

POBREZA E PRIVAÇÃO SOCIAL EM QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA

O livro “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada” é muito o que se espera quando se pensa em um diário. A autora coloca, no início, a data em que escreve e relata os acontecimentos do seu dia. O leitor pode achar repetitivo, mas isso ocorre porque a privação social manifestada pela fome e pelas péssimas condições de moradia, por exemplo, estão constantemente presentes no cotidiano da autora.

Para fins de selecionar quais dos trechos fichados no momento 2 da metodologia irão compor as discussões, aparecendo no texto como resultados, consideraram-se temáticas. Tais como a alimentação, a vestimenta, a moradia, o saneamento básico, a saúde e a educação. Essas questões se relacionam, mas é importante citá-las, para dar um caminho à leitora e ao leitor do presente trabalho.

A temática da alimentação é evidente na obra, por meio dos relatos acerca da fome. Sobre isso, é importante refletir que, assim como as oportunidades e condições de trabalho são atravessadas por questões de raça e de gênero, o acesso à alimentação também é. Carolina é uma mulher negra e mãe solo, conforme já exposto no presente trabalho, e trabalhos atuais, como o Atlas das Situações Alimentares no Brasil (Ribeiro Júnior, *et al.*, 2021), já mostram que as mulheres pretas chefes de família são as mais afetadas com a insegurança alimentar, por exemplo.

Outra temática que aparece no diário de Carolina é a de vestimentas. Considera-se importante essa temática pelo fato de que ela vai afetar o cotidiano da Carolina para trabalhar, mas também o direito de seus filhos à educação, visto que vai impedir eles de irem para a escola em dias frios. A temática da impossibilidade de acessar a educação é importante de ser apresentada aqui também. Principalmente, porque embora apareça no livro por meio da dificuldade da permanência dos filhos de Carolina na escola, é um fato que fala sobre a vida da autora também, visto que ela estudou apenas dois anos, conforme conta no livro Diário de Bitita.

Ainda, outra temática se mostra como crucial de ser considerada, é a questão da moradia. De acordo com Pequeno e Elias (2007), o aspecto das condições de moradia é muito importante de ser considerado para pensar desigualdades socioespaciais. Além disso, essa questão vai estar atrelada com a temática do saneamento básico, também considerada.

Por fim, todas essas temáticas citadas anteriormente caminham para a questão da saúde física e mental. Há trechos dos relatos de Carolina em que a escritora comenta que tanto sua saúde física quanto a mental vão sendo prejudicadas pelo seu contexto de moradia, de falta de saneamento básico, vestimentas e alimentação. Essas temáticas que foram mencionadas e serão trabalhadas são algumas das questões que podem ser trabalhadas por meio do relato da Carolina Maria de Jesus. Mas é evidente que existem outras temáticas que podem ser elencadas, tais como a do trabalho digno.

Diante do exposto, no próximo tópico pretende-se exemplificar essas temáticas com trechos retirados, por meio de fichamento, do livro "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada". Isso é uma forma de identificar no livro supracitado relatos de situações de privação social, utilizando desse conceito para discutir pobreza urbana.

IDENTIFICANDO RELATOS DE SITUAÇÃO DE PRIVAÇÃO SOCIAL NO LIVRO "QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA"

Esse tópico é composto pela discussão e exposição desses resultados, ou seja, trechos fichados, com a grafia original dos diários de Carolina Maria de Jesus, conservando a sua escrita, assim como a editora Ática fez. Posto isso, começa-se pelo primeiro dia do diário. No dia 15 de julho de 1955, Carolina narra uma situação de pobreza e privação, em que sua filha Vera Eunice está de aniversário e precisa de calçados novos, visto que seu antigo está estragado, e esse é um produto de necessidade básica. Mas, diante da dificuldade de ter dinheiro, mesmo trabalhando todos os dias de maneira informal, caso a mãe de Vera comprasse sapatos, ela não teria dinheiro para comprar comida. Abaixo está a reprodução fiel do relato de Carolina:

Aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas os custos dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (Jesus, 2014, p. 11).

Pensando nesse relato de pobreza, por meio do conceito de privação social, cabe colocar que Townsend (1987) comenta que a privação assume diferentes formas e pode-se dizer que pessoas estão em privação quando não possuem acesso às, inclusive, roupas, como é o caso do que se revela no relato da Carolina. É uma privação que aparece em diferentes momentos do livro, seja pelo fato de Carolina também não ter sapatos para si, ou os filhos de Carolina deixando de ir à escola por falta de roupas de inverno, ou sapatos. Ou, ainda, pelas vizinhas e vizinhos da favela do Canindé transitando a favela com roupas insuficientes e velhas no inverno, conforme mostra o seguinte relato:

Abri a janela e vi as mulheres que passam rápidas com seus agasalhos descoloridos e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes palitot que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar num museu, vão ser substituídos por outros. É os políticos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo (Jesus, 2014, p. 37).

A ausência de vestimentas é uma expressão clara da privação social, conceito geográfico foco desta abordagem. Com a falta de roupas adequadas, emergem além de desafios relacionados à proteção do frio, por exemplo, mas também dificuldades de participar plenamente da vida social, como frequentar a escola ou sair para trabalhar. Conforme foi comentado, o diário começa relatando da privação de vestimentas, mas, ao mesmo tempo, no mesmo parágrafo, referente ao aniversário da Vera Eunice, fala sobre alimentação e a fome. A fome é um fenômeno onipresente no livro, ou seja, no cotidiano da Carolina. Dentre os tantos trechos que foram fichados, abaixo colocam-se alguns relacionados à fome:

Elas vai na feira, cata cabeça de peixe, tudo que pode aproveitar. Come qualquer coisa. Tem estômago de cimento armado (...) (Jesus, 2014, p. 19).

Despertei com a voz de D. Maria perguntando-me se eu queria comprar banana e alface. Olhei as crianças. Estavam dormindo. Fiquei quieta. Quando eles vê as frutas sou obrigada a comprar (...) (Jesus, 2014, p. 23).

[...] Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo (Jesus, 2014, p.32).

Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer. ...Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão (Jesus, 2014, p. 33)

Nos relatos da Carolina, expostos anteriormente, se percebe a fome como cotidiana. Nessa perspectiva, a autora, em sua genialidade, denuncia a fome como um problema de ordem social, e não natural, que deve ser considerado, mediado e mitigado pela política. Além disso, é importante, para essa discussão, considerar que a fome é um fenômeno socioespacial que está atrelado à história da formação social e territorial brasileira. Denunciada por Carolina Maria de Jesus em 1960, e estudada por Josué de Castro na mesma época, a situação da fome no Brasil é também atual.

O entendimento de Carolina sobre a fome relaciona-se com a teoria do geógrafo Josué de Castro (2022). No momento em que leitoras e leitores mergulham nas páginas do livro supracitado de Carolina, dão-se de cara com experiências cotidianas que mostram vivências daquilo que foi teorizado por Josué de Castro com relação à fome, isso é, a fome como fenômeno de ordem social, econômica e biológica. Para mais, a narrativa da autora revela a necessidade de abordar o assunto da fome considerando as raízes estruturais do problema, o que Josué de Castro também pontua em sua obra *Geografia da Fome: do pão ao aço*. É ainda interessante comentar que, em um discurso de Josué de Castro (Câmara dos Deputados, 2007), enquanto deputado em 1960, o geógrafo homenageia Carolina, apontando a importância dos conhecimentos da autora e da denúncia que ela faz referente à miséria enfrentada pelo povo brasileiro.

Outro ponto importante a ser comentado é que a autora aborda a fome para além de uma experiência individual, mas como uma realidade coletiva que atravessa as vivências de todas as pessoas que, assim como ela, viveram na favela do Canindé. Carolina expõe a existência de uma interconexão entre as histórias de suas vizinhas e dos seus vizinhos e a sua própria vivência, como pode ser observado no trecho a seguir: “elas vai na feira catar [...] come qualquer coisa” (Jesus, 2014, p. 19) e “Fui na feira, comprei 1 quilo de feijão e 1 rim. O resto eu catei” (Jesus, 2014, p. 95), traçando um retrato da fome como um fenômeno coletivo.

Outro tema importante no diário de Carolina é o da moradia. A autora comenta que seu sonho é residir em uma casa de alvenaria, o que, inclusive, a publicação de seu diário permite. Esse é seu objetivo, enquanto escreve *Quarto de Despejo*, ao entender que, com isso, teria acesso a um banheiro, ou seja, ao saneamento básico, e todas as outras benesses de uma habitação com as condições adequadas. Conforme mostram os relatos abaixo:

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. (Jesus, 2014, p. 39).

Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna (Jesus, 2014, p.22).

Cheguei na favela: eu não acho geito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão. O barraco tanto no interior como no exterior estava sujo. E aquela desordem aborreceu-me. Fitei o quintal, o lixo podre exalava mau cheiro. Só aos domingos que eu tenho tempo de limpar (Jesus, 2014, p.47).

Fica evidente que Carolina busca por questões que são de direito, que são necessidades básicas e que a falta faz com que a autora os entenda como luxo, difíceis de alcançar. De acordo com Spode (2020), a problemática relacionada à privação à moradia é um fenômeno de constituição histórica e social no Brasil, assim como a fome. Ao se pensar em privação, nas suas diferentes conceituações, absoluta e relativa (Sen, 2000), social e material (Towsend, 1987), que compõem a privação social (Faria, 2017), reconhece-se a importância de considerar o aspecto da moradia quando se aborda o tema das desigualdades socioespaciais.

Ademais, a questão da moradia é vista enquanto problema socioespacial, que reflete as disparidades e desigualdades presentes nos padrões de ocupação do espaço. Carolina expõe a dimensão espacial

da moradia em diferentes momentos dos seus relatos sobre os problemas de morar no espaço da favela, tanto que a autora denomina a favela como “o quarto de despejo da cidade”. Sendo a moradia, então, um problema de ordem espacial, é também um problema de ordem geográfica.

Por meio de reflexões acerca da cidadania mutilada (Santos, 1997), é possível pensar que as desigualdades geográficas e as restrições de acesso a recursos essenciais, como é o caso da moradia, resultam em uma cidadania incompleta. Nesse contexto, a cidadania aparece mutilada na localização, na moradia (Santos, 1997). Isso porque quando as pessoas são privadas do direito de moradia digna, enfrentam outros obstáculos, tais como acesso a oportunidades educacionais e a busca por emprego.

Sobre moradia de qualidade, cabe reforçar que quando se fala em ter uma habitação de qualidade ou precária, isso não está atrelado apenas a infraestrutura da construção da residência, sobre ser de madeira ou de alvenaria, mas também ao acesso ao saneamento básico, à coleta de lixo, e à diferentes equipamentos e serviços urbanos, tais como transporte, ou escolas e serviços de saúde próximos, o que Carolina reconhece em seus relatos.

Para além de se considerar as questões referentes à moradia quando se estuda as desigualdades socioespaciais, Townsend (1987) comenta sobre a necessidade de se considerar e estudar as consequências que as diferentes privações causam na saúde das pessoas. O cotidiano da Carolina demonstra diversas situações sobre como diferentes privações sociais podem afetar a saúde das pessoas, saúde física e mental. Abaixo, apresentam-se trechos que foram fichados e que permitem a construção de discussões referentes ao fato de que privações sociais afetam a saúde física e mental de diferentes indivíduos envolvidos na situação.

Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer, porque em 1953 eu vendia ferro lá no Zinho. Havia um pretinho bonitinho. Ele ia vender ferro lá no Zinho. Ele era jovem e dizia que quem deve catar papel são os velhos. Um dia eu ia vender ferro quando parei na Avenida Bom Jardim. No Lixão, como é denominado o local. Os lixeiros haviam jogado carne no lixo. E de escolhia uns pedaços: Disse-me: — Leva, Carolina. Dá para comer. Deu-me uns pedaços. Para não maguá-lo aceitei. Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruidos pelos ratos. Ele disse me que não. Que há dois dias não comia. Acendeu o fogo e assou a carne. A fome era tanta que ele não pode deixar assar a carne. Esquentou-a e comeu. [...] No outro dia encontraram o pretinho morto. [...] Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome (Jesus, 2014, p. 40).

O fato de que um morador de rua perde sua vida pela fome, mas não de fome, e sim por comer um alimento retirado do lixo sem o devido cozimento, marca a Carolina. Tanto que, em diversos outros momentos do livro, ela recorda esse acontecimento, com medo que aconteça isso com ela ou com seus filhos e sua filha, quando eles comem comida retirada do lixo. A necessidade de buscar alimentos no lixo revela-se como uma prática dolorosa que evidencia extrema privação social, visto que não expõe apenas uma privação material, mas também simboliza a marginalização e a cidadania mutilada. Ainda, acerca da saúde mental de Carolina, diante das situações de privação social que enfrenta, existem momentos do livro que a vontade de morrer toma o lugar do medo de morrer, conforme mostram os seguintes relatos:

Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? (Jesus, 2014, p.33).

Quando eu fiquei doente eu andava até querendo suicidar por falta de recursos (Jesus, 2014, p.67).

Fui no Frigorífico, ganhei uns ossos. já serve. Faço uma sopa. Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei desmaiar. Então eu resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida. Quero ver como é que eu vou morrer. Ninguém deve alimentar a ideia de suicídio. (Jesus, 2014, p.61).

Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insipido que eu tenho vontade de morrer. Fiquei sentada no sol para aquecer. Com as agruras da vida somos uns infelizes perambulando aqui neste mundo. Sentindo frio interior e exterior (Jesus, 2014, p.81).

Quando Townsend afirmou a necessidade de pensar sobre como a privação afeta a saúde das pessoas pobres, foi em 1987. Já, atualmente, existem algumas autoras e autores que falam sobre isso com maior atenção. Paula Santana, por exemplo, organizou um livro com o título “Território e Saúde Mental em Tempos de Crise”, no qual, em conjunto com outras autoras, apresentam um artigo sobre Suicídio em contextos de privação social e material, em Lisboa e Porto, Portugal (Costa, et al., 2015).

Em Santana *et al.* (2015), há o apontamento para a associação de níveis elevados de privação e vulnerabilidade da área de residência com maior incidência de suicídios.

Há alguns trechos dos relatos de Carolina em que a escritora comenta que além da sua saúde mental estar debilitada, a saúde física também está. Nesse contexto, há relatos sobre quando seus filhos ficam doentes, ou mesmo seus vizinhos, e pela falta de dinheiro para remédios e tratamentos, acabam não procurando auxílio médico.

A própria condição de escassez de recursos materiais e sociais, como a alimentação e a discriminação, resulta em uma situação de adoecimento físico e psicológico, que podem acarretar situações extremas, como o suicídio. Como pode ser identificado nos trechos a seguir, as condições de vida de Carolina, a instabilidade constante da ausência de alimentos e recursos, são fatores que fragilizam o psicológico da autora, a ponto de mencionar o suicídio em diversos momentos da obra. Isso permite refletir sobre os aspectos subjetivos relacionados à pobreza, a qual não pode ser só com base na renda. Abaixo, expõem-se alguns relatos sobre questões de saúde, retirados do livro analisado.

Às 5 da manhã a Vera começou vomitar. Eu dei-lhe um calmante, ela dormiu. (...) Estou nervosa com medo da Vera piorar, porque o dinheiro que eu tenho não dá para pagar médico (...) (Jesus, 2014, p. 65).

...Eu estava tonta de fome devido ter levantado muito cedo. Fiz mais café. Depois fui lavar as roupas na lagoa, pensando no departamento Estadual de Saude que publicou no jornal que aqui na favela do Canindé há 160 casos positivos de doença caramujo. Mas não deu remédio para os favelados. A mulher que passou o filme com as demonstrações da doença caramujo nos disse que a doença é muito difícil de curar-se. Eu não fiz o exame porque eu não posso comprar os remédios (Jesus, 2014, p. 100).

Amanheci com dor de barriga e vomitando. Doente e sem ter nada para comer. Eu mandei o João no ferro velho vender um pouco de estopa e uns ferros. Ele ganhou 23 cruzeiros. Não dava nem para fazer uma sopa. (...) Que suplício adoecer aqui na favela! Pensei: hoje é o meu último dia em cima da terra. ...Percebi que havia melhorado. Sentei na cama e comecei catar pulgas. A ideia da morte já ia se afastando. E eu comecei a fazer planos para o futuro (Jesus, 2014, p. 144).

Muitos dos relatos atrelados às doenças que Carolina descreve, estão relacionados às condições de moradia e de saneamento básico. Ao estudar o contexto de outro local específico, Moraes (2020), aponta que o processo histórico brasileiro de privação à moradia digna é capaz de resultar em outras desigualdades e problemáticas socioespaciais, dentre essas as problemáticas relacionadas à falta de saneamento básico que coloca as populações na vulnerabilidade de adquirirem doenças.

Ainda sobre saúde e saneamento básico, conforme já exposto no referencial teórico deste trabalho, Moraes (2020) comenta que o saneamento básico é primordial para a manutenção da vida humana e a privação a esse serviço desencadeia em outras privações, algumas relacionadas a condições de saúde. Esse entendimento aproxima essa discussão do conceito de privação social, visto que a população está em privação quando não tem acesso às condições materiais e imateriais que são inerentes à manutenção da vida.

Ainda, considera-se importante mencionar e discutir nesse tópico, que Carolina Maria de Jesus estudou apenas por dois anos, fato que ela relata no seu livro de memórias sobre a infância, intitulado "Diário de Bitita", fazendo alusão ao apelido que sua mãe lhe havia dado. Isso aparece brevemente no livro *Quarto de Despejo*, como na frase "Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter" (Jesus, 2014, p. 16). A importância de trazer este fichamento e este fato para os resultados e discussões se dá pela oportunidade de reflexão acerca da privação à educação.

Spode (2020) entende a ausência de educação formal como fenômeno histórico e social, refletindo sobre o fato de que o analfabetismo, por exemplo, produz uma série de outras privações ao longo da vida, como o desemprego e subemprego, a estigmatização, a baixa renda, entre outros. Além disso, o não acesso à leitura e à escrita (tão essenciais na vida de Carolina Maria de Jesus) é a privação do direito à educação e mesmo da própria cidadania. A autora, com seus poucos anos de estudo, aprendeu a ler e escrever, mas, pelas suas condições sociais, foi privada do acesso ao restante de sua formação. Além disso, no diário analisado, ela relata que diversos vizinhos e vizinhas são analfabetos e analfabetas.

Todas as situações de privação que foram discutidas ocorrem em um espaço urbano produzido e em (re)produção. Essa reprodução do espaço urbano no mundo moderno atual, segundo a professora Ana

Fani Alessandri Carlos (2014), é mediada pela propriedade privada da riqueza, gerando desigualdades e se revelando em segregação, (não) direito à cidade, e interferência na vida cotidiana. O cotidiano é importante na discussão que foi realizada até aqui, porque ao mesmo tempo que pode ser “local” subordinado ao mundo do mercado, pode ser “local” de resistência, de criatividade, conforme mostra Carlos (2007, p. 58) quando diz que “há brechas no cotidiano que abrem espaço para o criativo e para o virtual. Isto posto, para apontar o fato de que há irredutibilidade ao cotidiano, pois aí é também o lugar de conflito e o lugar onde se formulam problemas; portanto, o lugar da ação.” Essa fala de Ana Fani sobre o cotidiano, de certa forma, resume o que foi estudado por meio da obra de Carolina. É no cotidiano que Carolina vive situações de privação social. Mas, também é no cotidiano que Carolina escreve e denuncia as condições onde vive coletivamente.

A aproximação entre o conceito de privação social com a literatura de relato mostrou-se rica, visto que demonstra empiricamente o conceito discutido por Peter Townsend, Amartya Sen e Paula Santana. Por fim, a utilização da privação social para pensar sobre pobreza vem se mostrando uma rica abordagem conceitual de estudo dos problemas sociais da realidade brasileira. Assim como o cotidiano se mostra como ferramenta analítica para pensar desigualdades socioespaciais. Nesse contexto, os relatos de Carolina Maria de Jesus são documentos que expressam condições de pobreza e privação social na periferia de São Paulo. São documentos no sentido de expressar e denunciar as condições que os pobres viviam em 1960 e ainda vivem hoje, em um Brasil da desigualdade socioespacial.

Sobre a atualidade brasileira, o Inquérito VIGISAN e o Atlas das Situações Alimentares publicados recentemente mostram que o Brasil ainda apresenta situações extremas de pobreza, o que é evidenciado pela fome, uma expressão de privação social. De acordo com a Rede PENSSAN (2021), em 2018, 10,3 milhões de pessoas brasileiras estavam em insegurança alimentar grave, ou seja, passando fome. Já em 2020, esse valor passa para 19,1 milhões. São milhões de brasileiros com o cotidiano atravessado pela fome. Isso mostra que a fome, que está atrelada a outras expressões da pobreza, ainda é uma questão alarmante no Brasil (Vargas, et al., 2023).

Além disso, é importante comentar que, por meio do livro analisado, percebe-se que condições de pobreza, na realidade, estão para muito além de questões materiais, no sentido de apenas bens materiais. Mesmo a questão da moradia (que seria uma expressão material da pobreza) também passa por questões de pertencimento, da busca por ter um lar no sentido de reconhecer-se enquanto cidadão. Carolina mostra isso nos diferentes momentos em que expõe o desejo de ter uma casa, um lar. Ainda, o fato de que existem aspectos materiais, mas também subjetivos da pobreza, ficam evidentes quando a escritora fala sobre sua saúde, discutindo enfermidades e adoecimentos físicos e mentais.

Dessa forma, pode-se entender que Carolina ilustra o conceito de privação social quando relata que o pobre não tem a garantia do mínimo para a subsistência, mesmo “condenado” ao trabalho: “Parece que vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade” (Jesus, 2014, p.81). A autora reconhece diversas situações de privações: “lavar nas tinas, cosinhar com lenha” (Jesus, 2014, p. 64), chegando a denunciar, inclusive, uma privação ao descanso: “Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa” (Jesus, 2014, p.12). Sendo assim, é possível perceber que a autora entende sua condição permeada por privações que são materiais e imateriais.

ENCAMINHANDO CONSIDERAÇÕES

A literatura brasileira, no caso do livro “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”, de não ficção, se mostra muito potente e geográfica, no sentido de expressar e evidenciar problemas sociais. O livro supracitado é um trabalho incrível, cheio de detalhes e que possui uma linguagem poética. Carolina Maria de Jesus dominou o mundo por meio das palavras e contribuiu extraordinariamente na denúncia das injustiças sociais, da exploração capitalista e da desigualdade socioespacial existente no Brasil de 1960, chegando a um retrato brasileiro que representa esse país até hoje.

A escrita de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, mãe, catadora de lixo e moradora de favela, sobre o seu próprio cotidiano, em formato de diário, permite a construção de reflexões referentes à pobreza e às desigualdades socioespaciais, manifestadas em situações de privação. Dessa forma, foi possível identificar no livro de Carolina Maria de Jesus relatos de situações de privação social.

Além disso, o trabalho demonstrou a possibilidade de utilizar do conceito de privação social para refletir e discutir sobre pobreza urbana e a realidade da desigualdade no Brasil, tendo como mediadora a literatura, mais especificamente a literatura de testemunho, reconhecendo a importância de obras

literárias não ficcionais para análise da condição de diferentes grupos. Também, mostrou-se que o cotidiano revela estruturas sociais e espaciais, podendo ser uma lente por meio da qual é possível desvendar complexidades da cidade, deixando claro que as pessoas constroem e transformam o espaço urbano no dia a dia.

Especificamente, identificou-se que a pobreza é demonstrada no livro analisado por meio de diferentes privações, que foram discutidas e demonstradas nos resultados deste trabalho em temáticas. Dentre essas temáticas estão a das vestimentas, da alimentação, da moradia, que está totalmente relacionada ao saneamento básico e, conseqüentemente, à temática da saúde. Sobre saúde, identificaram-se nos relatos de Carolina sofrimentos relacionados à saúde física, mas também à saúde mental. Além disso, aparece a temática da educação. Essas privações são demonstradas na obra por meio do relato do cotidiano e expressam a multidimensionalidade da pobreza.

O livro da Carolina Maria de Jesus, que foi analisado no presente trabalho, vem sendo utilizado nas diferentes discussões acerca de problemas de ordem social, e não é de menos, diante da sua grandiosidade. Existem trabalhos que discutem racismo, questões de gênero e do direito à literatura. Nesse âmbito, o presente trabalho utilizou do conceito de privação social para analisar o livro, buscando apresentar um trabalho diferente, mostrando mais uma discussão que pode ser traçada com o livro analisado. Ainda, como lacuna no trabalho, identifica-se que faltou maior foco no fichamento de relatos de situações de privação à educação. Mas, ainda, no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, foi possível incluir. Outra lacuna é referente a abordar aspectos das condições de trabalho.

Como perspectiva futura fica a busca pelo fortalecimento de uma geografia social, preocupada com a justiça social e o enfrentamento das mais diversas desigualdades, mas que não se torne estagnada. Como forma de seguir construindo essa geografia, o restante da obra de Carolina Maria de Jesus pode ser abordado em diferentes perspectivas, visto que permite reflexões acerca do cotidiano, das relações sociais, da fome e (in)segurança alimentar, e da pobreza como um todo.

Diante disso, fica a sugestão de leitura do livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, mas também dos outros escritos de Carolina Maria de Jesus, como “Diário de Bitita” que conta sua infância por meio de memórias, “Casa de Alvenaria 1 e 2”, que contam a sua vida após se mudar da favela, por meio de diários, “Pedacos da Fome”, um romance, e seu romance inédito, lançado em 2023, intitulado “O Escravo”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M.G. Literatura de viagem: Desvelando paisagens sedutoras e territórios fantásticos. **Revista da ANPEGE**, Dourados, v. 16, n. 31, p. 163 - 176, 2020. <https://doi.org/10.5418/ra2020.v16i31.11389>
- AZEVEDO, A. **O Cortiço**. 1ª ed. São Paulo: Panda Books, 2017.
- BARCELLOS, S. **Portal Biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus. Vida por Escrito**, s/d. Disponível em: <https://www.vidaporescrito.com/sobre-mim>. Acesso em 28 fev. 2024.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARONE, A. C. C. Negra ou Pobre? Migrante ou Despejada? Carolina Maria de Jesus e o enigma das classificações. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 59, 2019. <https://doi.org/10.9771/aa.v0i59.24977>
- BRANDS, A. R. **A Fome em Carolina Maria De Jesus e Josué De Castro: Entrelaçamentos Entre Geografia Literária e Geografia Crítica**. 2023. 89 p. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.
- BRAFF, M. **Além do Rio dos Sinos**. 1ªed. São Paulo: Editora Reformatório, 2020.
- BRUM E. **O Olho da Rua: em busca da literatura da vida real**. Porto Alegre: Editora Globo, 1994.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Josué de Castro: Série Perfis Parlamentares**. Brasília: Plenarium Editora da Câmara de Deputados, 2007.
- CARLOS, A. F. A. **O Lugar do/no Mundo**. 1ª ed. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CARLOS, A. F. A. La ciudad como privación y la reapropiación de lo urbano como ejercicio de la ciudadanía. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v.18, n. 493, p.1-14, 1 nov. 2014.

CASTRO, J. de. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 1º ed. São Paulo: Todavia, 2022.

COSTA, C.; LOUREIRO, A.; FREITAS, A.; SANTANA, P. Suicídio em contextos de privação social e material nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. In: SANTANA, P. **Território e Saúde Mental em Tempos de Crise**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. https://doi.org/10.14195/978-989-26-1105-1_3

DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. 6 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DONICHT, R. S.; DUARTE, A. F. A invisibilidade como sintoma da vulnerabilidade social. **Revista Ecos**, Rio de Janeiro, v. 11. n.1, 2021. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/3017>. Acesso em 21 jun. 2024.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985.

ELIAS, D.; PEQUENO, R. Desigualdades Socioespaciais nas cidades do agronegócio. **Estudos Urbanos e Regionais**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 25-39, 2007. <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2007v9n1p25>

FARIA R. M. Territórios da Privação Social nas cidades brasileiras: uma reflexão conceitual. BORTOLUZZI, A, BERENGUEL O. L. (orgs.). In. **Cidades Interativas: do contexto informacional as práticas socioespaciais integradas**. São Paulo: Olho d'Água, 2017.

FONSECA, J. F. **A representação da pobreza em Grande Sertão: Veredas**. 2021. 127 p. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG, 2021.

GRACILIANO, R. **Vidas Secas**. 159. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1973.

HANSEN, M. Os laços que unem Clarice e Carolina. **Folha de São Paulo**. Online. 2020. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/literatura/os-lacos-que-unem-clarice-e-carolina>. Acesso em 21 dez. 2023.

JESUS, C. M. de. **Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014. Originalmente publicado em 1960.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Edição Popular, 1963.

JESUS, C. M. de. **Diário de Bitita**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, C. M. de. **Casa de Alvenaria I: Osasco**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JESUS, C. M. de. **Casa de Alvenaria II: Santana**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JESUS, C. M. de. **O Escravo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

MARCELINO, E. S. **O Retrato da Superexploração da Força de Trabalho a Partir da Obra de Carolina Maria de Jesus**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAES, L. M. de. **Privação ao Saneamento e à Saúde no Território Urbano da Vila Lúcia em Santa Maria, RS**. 2020. 147 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2020.

MONTEIRO, C. A. de F. **O Mapa e a Trama: Ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

PERES, E. P. **Exuberância e invisibilidade: populações moventes e cultura em São Paulo, 1942 ao início dos anos 70**. 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. <https://doi.org/10.11606/T.8.2007.tde-16072007-104536>

SCHIFFLER, Michele Freire. **Narrativas machadianas: transcendência e historicidade no processo formativo**. 2006. 126 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2006.

PIERRE, G.; GUGLIELMO, R.; KAYSER, B.; LACOSTE, Y. **A Geografia Ativa**. 5. ed. São Paulo: DIFEL, 1980.

REDE PENSSAN. I Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]: **II VIGISAN**: relatório final/Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar– PENSSAN. – São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert: Rede PENSSAN, 2021

RIBEIRO, J. R. S. R.; SAMPAIO, M. de. A. P.; BANDONI, D. H. CARLI, L. L. S. de. **Atlas das situações alimentares no Brasil**: a disponibilidade domiciliar de alimentos e a fome no Brasil contemporâneo. 1ª ed. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2021.

RECLUS, É. **A Natureza da Geografia**. In: ÉLISEÉ RECLUS. São Paulo: Ática, Col. Grandes Cientistas Sociais, no. 49, 1985, p. 38 – 60.

SALGUEIRO, W. O que é Literatura de Testemunho (E considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Plari e André Du Rap). **Revista Matrada**, Rio de Janeiro, v. 19, n.31, p. 284-303, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/22610/16155>. Acesso em 20 dez. de 2023.

SANTANA, P.; COSTA, C. CARDOSO, G.; LOUREIRO, A.; FERRÃO, J. Suicide in Portugal: Spatial determinants in a context of economic crisis. **Health Place**, v.35, p. 85-94, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2015.07.001>

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec. 1993.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 23ª ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2013.

SANTOS, M. As Cidadanias Mutiladas. In: LERNER, J. (ed). **O preconceito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.

SANTOS, M. **Pobreza Urbana**.n3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.Originalmente publicado em 1978.

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, M. A. M. da. A descoberta do insólito: Carolina Maria de Jesus e a imprensa brasileira (1960-77). **A fro-Hispanic Review**, v. 29, n. 2, p. 109-115, 2010. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41349344>. Acesso em 21 dez. 2023.

SOUZA, M. A. de. A. Abordagens Recentes da Pobreza Urbana. **Revista Mercator**, Fortaleza, v.7, p.1-19, 2018. <https://doi.org/10.4215/rm2018.e17020>

SOUZA, J. R. de.; SANTOS, S. C. M. dos. Análise de Conteúdo em Pesquisa Qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora, v.10, n.2, p.1396-1416, jul - dez, 2020. <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>

SPODE, P. L. C. **Privação social como conceito de análise da pobreza urbana**: possibilidades teórico-metodológicas para a Geografia brasileira. Relatório de Qualificação [Doutorado], Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022. <https://doi.org/10.33081/formacao.v27i52.7418>

SPODE, P. L. C.; FARIA, R. M. Privação social como conceito de análise da pobreza urbana: apontamentos teóricos. **Formação (Online)**, v.27, n.52, p.25-49, set - dez. 2020.

SPODE, P. L. C.; FARIA, R. M. Pobreza e Privação na Obra “O caminho para Wigan Pier” de George Orwell. In: II Seminário Internacional de Ensino de Humanidades e Linguagens - SIEHL, v.2, 2019, Santa Maria. **Anais do II Seminário Internacional de Ensino de Humanidades e Linguagens - SIEHL**. Santa Maria:UFN, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/339141600_POBREZA_E_PRIVACAO_NA_OBRA_O_CAMINHO_PARA_WIGAN_PIER_DE_GEORGE_ORWELL. Acesso em 26 jul. 2023.

SPODE, P. **Pobreza e Privação Social na área urbana de Santa Maria, Rio Grande do Sul**: uma análise a partir dos usos do território. 2020. 175 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2020. <https://doi.org/10.5902/2236499440108>

TOWNSEND, P. Deprivation. **Journal of social policy**, v. 16, n. 2, p. 125-146, 1987.

TREMB, G. B. C. **O Espaço Urbano em Carolina Maria de Jesus**. 2020. 132 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2020.

ULTRAMARI, C.; ANDREOLI, M. C. A favela brasileira sexagenária. **Revista Produção e Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 7, 2021. <https://doi.org/10.32358/rpd.2021.v7.553>

VARGAS, R. M. B.; FARIA, R. M. de.; SPODE, P. L. C.; MORAES, L. M. de. Geografia da fome e (in)segurança alimentar no Brasil: reflexão a partir de Josué de Castro e o inquérito VIGISAN. **Revista Geografia Ensino e Pesquisa**, Santa Maria, v. 27, p. 1-24, 2023. <https://doi.org/10.5902/2236499483971>

VIEIRA JÚNIOR, I. **Torto Arado**. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2019.

Recebido em: 01/05/2024

Aceito para publicação em: 03/07/2024